

Interpolação em português medieval como adjunção a XP*

Maria Alexandra Fiéis
Universidade Nova de Lisboa

0. Introdução

A colocação dos clíticos em posição proclítica ou enclítica no Português Medieval (PM) varia de acordo com condições sintácticas específicas. A próclise verifica-se, normalmente, em orações negativas, em orações com o verbo precedido por quantificadores e certos advérbios, em construções de focalização e em todos os casos de orações subordinadas ou dependentes (Martins 1994 e Fiéis 1996). Normalmente, e salvo algumas excepções de orações independentes temporalizadas, a ênclise é a ordem encontrada.

No que toca aos contextos proclíticos, que são os que se inserem no âmbito deste trabalho, é nosso objectivo descrever aqueles em que se observa a interpolação (já que esta é uma possibilidade estrutural que apenas se verifica em situações de próclise), tendo ainda como objectivo comparar o PM com o Português Europeu contemporâneo (PE). Para esse efeito tomou-se como objecto de análise um *corpus* de textos literários e não literários dos séculos XIII a XVI (parte integrante do CIPM¹), do qual foram extraídas frases como as que são transcritas de (1) a (4).

(1) así como a atá áqui derõ (1295, CHP026)

* Este trabalho foi realizado no âmbito de uma bolsa de doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Agradeço também ao João Costa as sugestões e os comentários feitos à versão escrita deste trabalho.

¹ Pretendemos agrupar um conjunto de textos literários e não literários que se pudesse manter estável ao longo dos séculos em estudo. Foi possível analisar o mesmo grupo de textos não literários do século XIII ao século XVI, nomeadamente os documentos que se incluem na *História do Galego-Português*, de Maia 1986, e os *Documentos Notariais* editados por Martins 1994 (os documentos dos séculos XIV ao XVI, usados para efeitos deste trabalho, correspondem a um conjunto de textos revistos e aumentados pela autora em 1999). A extensão do *corpus* de cada século não é homogénea. Se, por um lado, relativamente ao século XV, os textos são bastante extensos e variados, o mesmo não se pode dizer no que toca ao século XVI, já que os textos que são tratados foram os únicos disponíveis no CIPM, e são os seguintes: **Século XIII:** *História do Galego-Português* (HGP); *Clíticos na História do Português* (CHP) e *Vidas de Santos* (VS); **Século XIV:** *História do Galego-Português* (HGP); *Documentos Notariais* (DN) e *Crónica Geral de Espanha de 1344* (CGE); **Século XV:** *História do Galego-Português* (HGP); *Documentos Notariais* (DN) e *Leal Conselheiro* (LC). **Século XVI:** *História do Galego-Português* (HGP); *Documentos Notariais* (DN); *Crónica dos Reis de Bisnaga* (CRB).

Textos aos quais juntámos o texto da *Carta de Pêro Vaz de Caminha* (CPVC) baseada na edição impressa de Guerreiro e Nunes 1974, pelo facto de se tratar de um texto pequeno e bastante rico no que toca ao estilo.

- (2) qual ou quaes lhy o meu marido e meu procurador mãdar (1321, DN084)
 (3) E tam limpas das cabeleiras que de as nos mujto bem olharmos non tijnhamos nhuu~a vergonha (1500, CPVC)
 (4) E lho emprazou per cõdicom que o nã possa dar (1513, DN202)

Foram tidos em conta textos até ao século XVI inclusivé, uma vez que até esta altura está documentada a produtividade do objecto de estudo deste trabalho (cf. Martins 1994). Para além de quantificar a produtividade da interpolação é, igualmente, objectivo deste estudo mostrar que, pelo menos até ao século XVI, a progressiva perda da possibilidade de interpolação não é consequência da diminuição da próclise e o consequente aumento dos contextos enclíticos (cf. Martins *Idem*). O que não é de estranhar tendo em conta que a próclise se verifica em contextos em que é esperada, ou seja, os dados mostram que os proclíticos ocorrem, na grande maioria dos exemplos do *corpus*, em orações subordinadas e/ou introduzidas por elementos desencadeadores da próclise. Contudo, subsiste o problema da diminuição dos contextos de interpolação, uma vez que os contextos de próclise não diminuem ao longo destes quatro séculos. No quadro seguinte quantificam-se os contextos tidos em conta para este estudo, separando ainda as ocorrências em textos literários e não literários.

Quadro 1 – Ocorrências de orações com clíticos

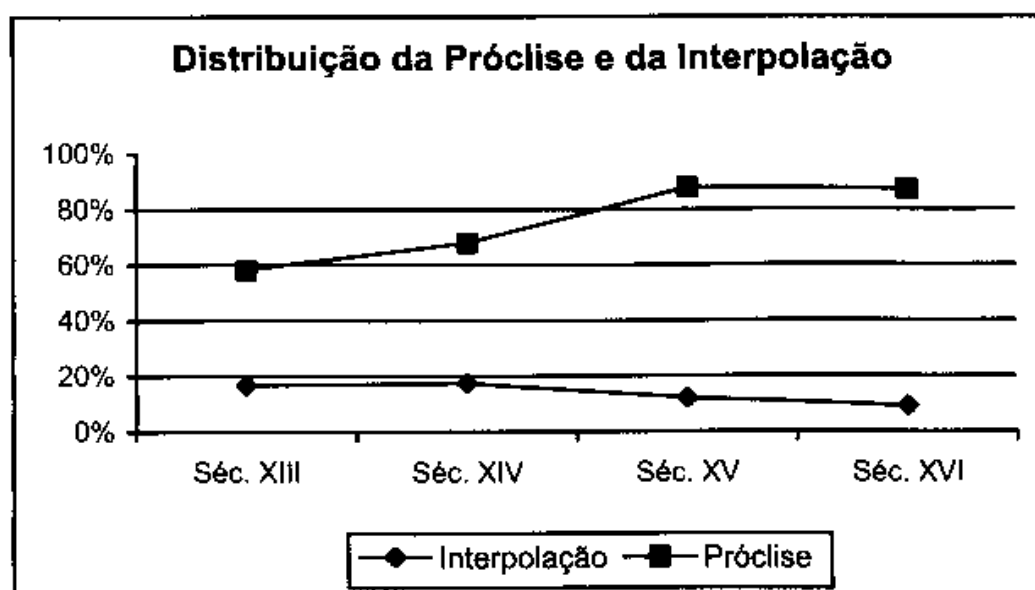
		Clíticos	Próclise	Interpolação
Séc. XIII	Literários	1.155	661	76
	Não-Literários	717	429	106
Séc. XIV	Literários	2.174	1.279	179
	Não-Literários	1.276	1.068	233
Séc. XV	Literários	4.163	3.597	373
	Não-Literários	1.272	1.175	200
Séc. XVI	Literários	1.441	1.215	81
	Não-Literários	581	559	80
TOTAL		12.779	9.983	1.328

O que se pode realçar a partir dos números apresentados é o facto de a próclise, conforme já foi referido, representar uma percentagem importante do total de 12.779 orações com pronomes clíticos. Os contextos de próclise, que somam um total de cerca de 9.983 ocorrências, correspondem a 78% do total. Desses 78% de contextos proclíticos seleccionámos, ainda, aqueles em que se verifica a interpolação, e que são 1.328, correspondendo a 13% do total de orações contabilizadas e nas quais há próclise.

1. Análise dos dados

Após analisar os dados extraídos dos *corpora* de cada século, verifica-se que a percentagem de ocorrência de interpolação vai diminuindo, conforme se pode ver no gráfico seguinte:

Gráfico 1 – Distribuição da próclise e da interpolação do séc. XIII ao séc. XVI

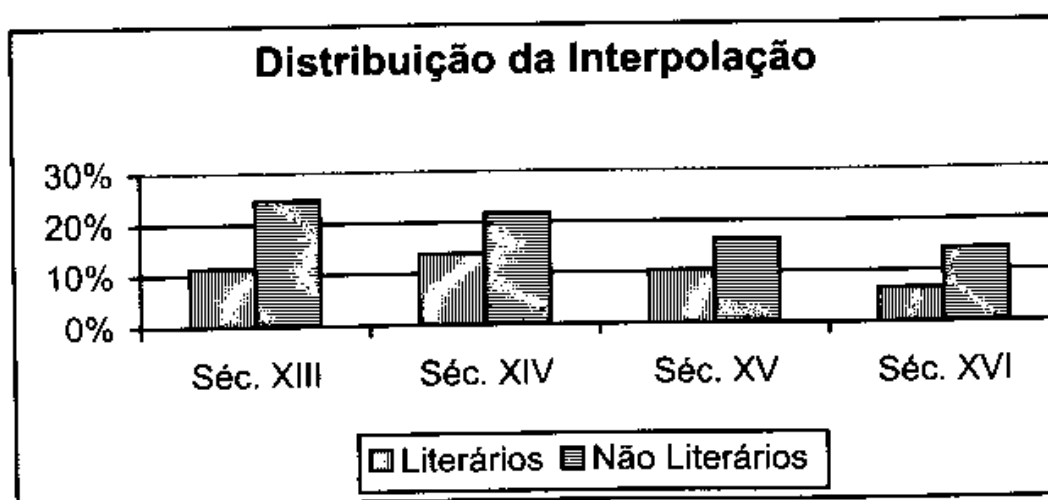


Observa-se uma descida no número de ocorrências da interpolação: de 16,6%, no século XIII, para 9%, no século XVI (excepção feita à passagem do século XIII para o século XIV, na qual houve um aumento pouco significativo, de 0,9%, dos contextos de interpolação). Paralelamente, verificou-se um aumento da próclise de 58%, no século XIII, para 87%, no século XVI (de acordo com Martins 1994: 273, a próclise é a ordem dominante nos séculos XV e XVI).

Conforme podemos constatar pelos números do gráfico, confirma-se a observação proferida acima, de que a diminuição da interpolação ainda não se pode relacionar com a diminuição da próclise e a preferência pela ênclise, no período de tempo em estudo. Quer isto dizer que, possivelmente, o aumento da ênclise em detrimento da próclise e a perda de interpolação são fenómenos diferentes.

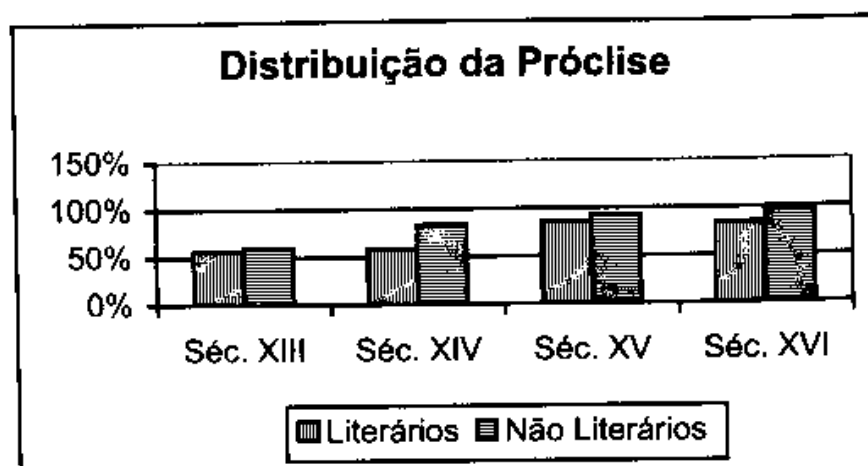
A nossa análise partiu, pois, de duas hipóteses: a primeira relaciona os números da interpolação com o tipo de texto em que ocorre (literário e não literário), a segunda relaciona o tipo de orações (dependentes). Relativamente à primeira questão observe-se, para esse feito, o gráfico seguinte:

Gráfico 2 – Distribuição da interpolação do séc. XIII ao séc. XVI tendo em conta o tipo de texto



Constata-se a preferência pela interpolação em textos não literários. Tal poder-se-á dever ao facto de estes serem mais conservadores, pelo que tenderão a obedecer a tradições de escrita. Assim, e tendo em conta que o *corpus* de textos literários é proporcionalmente equivalente ao de textos não literários (à excepção do século XV, em que a dimensão do *corpus* de textos literários excede em larga medida o dos não literários) verifica-se o seguinte: no século XIII há 24,7% de interpolações nos textos não literários por oposição aos 11,4% existentes nos literários. No século XIV a proporção é de 21,7% para 13,9%, no século XV é de 17% para 10,3% e, finalmente, no século XVI é de 14,3% para 6,6%. A par desta situação constata-se, igualmente, uma ligeira preferência pela próclise em textos não literários, que vai aumentando, em número, até estabilizar, entre os 80 e os 85%, na passagem do século XV para o XVI. Observe-se o gráfico 3:

Gráfico 3 – Distribuição da próclise do séc. XIII ao séc. XVI tendo em conta o tipo de texto



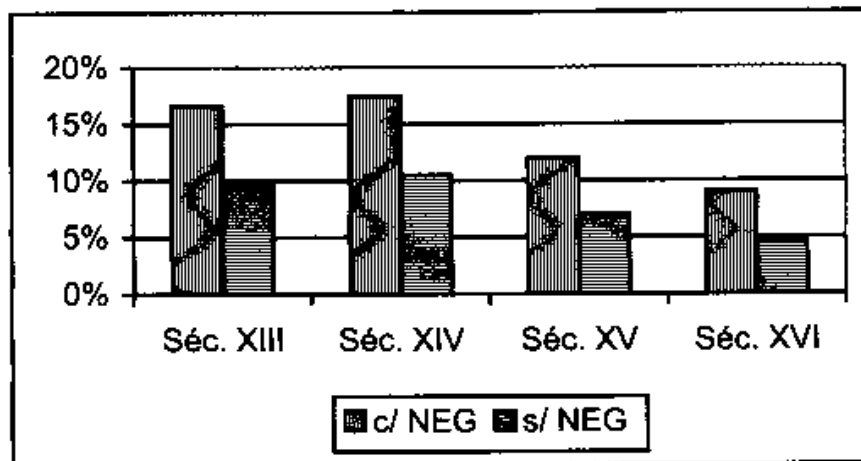
No que toca ao tipo de orações, os dados disponíveis permitem-nos concluir que os números apresentados no gráfico 3 se referem, efectivamente, a contextos sintácticos desencadeadores de próclise.

Dos dados observados poderemos ainda inferir que existe, efectivamente, do século XIII ao XVI, opcionalidade na realização da interpolação de constituintes à esquerda do verbo na forma finita e à direita do proclítico, sendo também possível a próclise sem interpolação.

Este percurso evolutivo, observado relativamente aos nossos dados do PM, assemelha-se ao que ocorreu na história do Espanhol Antigo (cf., por exemplo, Rivero 1986 e Fontana 1993), mas diverge da evolução que se verificou no Italiano Antigo. Nesta língua, ao que parece, não era possível interpolar constituintes para além da negação e de elementos de natureza adverbial (cf. Benincà e Cinque 1993).

De facto, a interpolação com a negação representa um número substancial de casos, pelo que, tivemos a curiosidade de refazer os nossos cálculos não contando com a negação. As percentagens a que se chegou são apresentadas no gráfico 4:

Gráfico 4 – Distribuição da interpolação *c/* e *s/* a Negação



Em todos os séculos, se excluirmos a negação, o número de contextos de interpolação baixa para cerca de metade. Comparando estes dados com os números do gráfico 1 conclui-se o seguinte: se, aos 16,6% de interpolações no século XIII, retirarmos a negação o número baixa para 9,6%; no século XIV, baixa de 17,5% para 10,5%; no século XV a descida é de 12% para 7%; finalmente, no século XVI, dos 9% de contextos de interpolação existentes ficamos com apenas 4,5%, exactamente metade. Isto significa, efectivamente, que a interpolação recorrendo à partícula negativa *não/nunca* corresponde a, aproximadamente, metade dos contextos estudados.

Outra das características importantes do PM é a possibilidade de interpolar mais de um constituinte. No quadro seguinte resumem-se as ocorrências totais da interpolação tendo em conta o número de constituintes interpolados. Daí advém que as situações em que mais de um constituinte ocorre interpolado (nomeadamente, dois e três constituintes simultaneamente), representam uma pequena percentagem do total de ocorrências.

Quadro 2 – Ocorrências de interpolação simples e de interpolação com mais de um constituinte interpolado

		Interp_1	Interp_2	Interp_3	TOTAL
Séc. XIII	Literários	70	6	0	76
	Não-Literários	90	14	2	106
Séc. XIV	Literários	163	14	2	179
	Não-Literários	188	41	4	233
Séc. XV	Literários	337	33	3	373
	Não-Literários	170	30	0	200
Séc. XVI	Literários	81	0	0	81
	Não-Literários	68	12	0	80
TOTAL		1167	150	11	1328

De acordo com os números do quadro acima observa-se o seguinte: em 1.328 interpolações, 1.167 são casos só com um constituinte interpolado, apenas em 150 situações ocorrem dois constituintes e, em número reduzidíssimo, ocorrem três constituintes interpolados, apenas 11 vezes.

Quanto à distinção entre textos literários e não literários, podemos chegar à mesma conclusão a que chegámos anteriormente, ou seja, os textos não literários apresentam a maior fatia de interpolações (se exceptuarmos o século XV, dadas as dimensões dos *corpora* relatadas anteriormente).

Observem-se alguns exemplos de interpolação com dois e três constituintes, relativos aos quatro séculos:

- (5) e sse a d(i)ta Cassa caer (e) a uos no~ q(ui)serdes ffaz(er); (1293, CHP045)
- (6) e se nolo vos en ese dia no~ derdes a nos ou noso p(ro)curador q(ue) nos seiãmos te~udos a tolesr vos esas nosas vy~as. qysermos. (1296, CHP056)
- (7) Como se Paulo con todos os outros treedores descubertamente alçaron contra el rey Bamba Paulo (séc. XIV, CGE)
- (8) & se a nos no~ q(u)ixeremos, ve~derdes a tal om(m)e como uos q(ue) seya ma~so (1313, HGP064)

- (9) E aly esperou huum velho que trazia na maa~o hu~a paa d almaadia./ falou estando o capitam com ele perante nos todos sem o **numca ninguem emtender** nem ele a nos (1500, CPVC)
- (10) quando comprir per dous e tres meses assy o aja em squeecimento como se **dello sentido nom tevesse** (1437, LC)
- (11) mas amtes lho fara~ liv(re) (e) de paz de que~ **lhe ssob(re) elle embargo poser** (1509, DN201)

Os dados mostram que os casos de interp_2 e interp_3 se vão reduzindo até serem praticamente inexistentes no século XVI – apenas 12 situações de interp_2 em textos não literários. Também esta é uma característica do PM que é partilhada com algumas variedades do PE moderno. Nos casos de “interpolação residual”² que ainda são encontrados actualmente, situações há nas quais é possível observar a interpolação de mais de um constituinte, normalmente a negação e alguns advérbios aspectuais ou pronomes pessoais. O exemplo (12) mostra isso mesmo.

- (12) O livro que **lhe ainda não entreguei**(Barbosa 1996: 7)

Uma vez quantificados os contextos com interpolação no PM, pareceu-nos pertinente determinar a função sintáctica dos constituintes que ocorrem entre o clítico e o verbo. O quadro que a seguir se apresenta mostra de que forma se distribuem os diversos constituintes ao longo dos séculos.

Quadro 3 – N° de ocorrências de constituintes interpolados de acordo com a sua função nos *corpora* dos séculos XIII a XVI

	Sujeito	Advérbio	OI	OD	SP Adjuntos	Negação	Outros
Séc. XIII (206/182)	77	21	12	12	4	77	3
Séc. XIV (478/412)	147	71	17	22	42	164	15
Séc. XV (635/573)	77	167	8	26	85	236	36
Séc. XVI (173/161)	16	31	1	9	28	80	8
Total 1492/1328	317	290	38	69	159	557	62

² Usamos os termos “interpolação residual” e “interpolação total” no sentido de Barbosa (1996: 8): o primeiro aplica-se nos casos em que apenas a negação e certos advérbios podem ocorrer interpolados (como no PE contemporâneo e no Italiano Antigo), o segundo refere a situação que se verifica no PM, isto é, a interpolação de outros constituintes.

Para uma correcta análise dos dados interessa esclarecer alguns pontos. Assim, na coluna mais à esquerda, que respeita aos séculos, apresenta-se, igualmente, o número total de constituintes interpolados (incluindo os casos de conjuntos de 2 ou 3), seguido do total de contextos de interpolação que efectivamente ocorrem no *corpus* em configurações [cl X V]. Na coluna mais à direita, designada por “outros”, incluem-se todos os outros constituintes que, ou devido ao seu número pouco significativo (o caso das orações pequenas e dos adjectivos predicativos), ou por se tratar de interpolações de infinitivos e de participios em estruturas verbais complexas,³ não são descritos nas colunas intermédias.

Deste modo, apresentam-se quantificados, nas colunas 2 a 7, os constituintes interpolados de acordo com a sua função gramatical, nomeadamente, Sujeito, Advérbio, OI, OD, SP e Negação. Por exemplo, relativamente à primeira coluna verifica-se que, no século XIII, em 182 contextos de interpolação há 77 sujeitos interpolados. Ou, num total de 206 constituintes interpolados, 77 correspondem à função gramatical de sujeito.

Da observação do quadro se conclui que, no século XIII, o sujeito, a par com a negação, são os constituintes que mais vezes ocorrem interpolados; no século XIV há um aumento de casos com a negação e uma diminuição de ocorrências do sujeito, comparativamente; no século XV, importa salientar que a negação mantém a tendência de subida em comparação com os outros constituintes; finalmente, no século XVI, verifica-se o que é esperado tendo em conta o que já foi referido anteriormente, isto é, o predomínio da negação.

Seguidamente analisaremos, em pormenor, o total de ocorrências dos constituintes interpolados, tendo em conta, para além do século, o tipo de texto em que ocorrem, bem como os contextos de interpolação de 1 ou mais constituintes.

Relativamente ao século XIII, salienta-se o facto de não existirem interpolações com mais de dois elementos nos textos literários. Nas sequências de interp_2 e interp_3, o sujeito, o advérbio e a negação são os constituintes que mais vezes ocorrem e isto aplica-se a ambos os tipos de texto. Quanto à ordem dessas sequências conta-se que: nos casos em que há interp_2 com a negação e o sujeito, este é sempre mais alto – [Suj Neg]. No único exemplo de interp_3 a negação surge mais à direita que o sujeito e o SP adjunto – [Suj SP Neg]. Aliás, no século XIII, em todos os contextos de interp_2 o sujeito, sempre que presente, é o constituinte mais elevado relativamente ao outro constituinte interpolado. Exceptuam-se as duas situações em que o sujeito coocorre com o OI na sequência [cl OI Suj V], em situações de redobro do clítico. Quanto à negação, os dados mostram que, do mesmo modo que o sujeito é quase sempre o constituinte mais alto, também a negação tende a surgir numa posição mais baixa na estrutura – [cl Suj (...) Neg V].

Nas duas ocorrências de verbos infinitivos interpolados, em textos não literá-

³ De acordo com o que vários autores têm vindo a propôr (nomeadamente Ogando 1980 e Martins 1994), o verbo infinitivo pode ocorrer interpolado entre o clítico e o verbo em forma finita. Esta análise poderá ser alargada aos casos em que o complemento subcategorizado é um participio.

rios, a ordem encontrada é [cl V_{inf} Neg V_{fin}], com o infinitivo realizado junto do proclítico e antes da negação.

À semelhança do que pudemos constatar relativamente aos dados do século XIII, também no século XIV os constituintes mais interpolados são o sujeito, a negação e os adverbiais. Regista-se, de igual modo, a interpolação de infinitivos e participios em textos não literários – [cl V_{inf/pp} V_{fin}] e, também, de uma oração pequena.

No que toca aos contextos mais complexos (interp_2 e interp_3), estes são em maior número nos textos não literários. Relativamente à ordem, observa-se, à semelhança do que sucedeu para o século anterior, que o sujeito ocorre quase sempre numa posição mais alta relativamente aos constituintes com os quais coocorre. Excepção feita à única situação em que surge à direita de um SP com função de adjunto. Quanto à negação, mantém a característica de ser o constituinte interpolado mais à direita.

De particular, relativamente ao século XIV, salienta-se o facto de ser o sujeito o constituinte que mais vezes surge em sequências com mais de um constituinte interpolado, e coocorrendo com uma maior variedade de constituintes.

Relativamente ao século XV, as estruturas mais complexas (com mais de um constituinte interpolado) encontram-se nos textos literários, mas nem por isso se deixa de manter a tendência dos séculos anteriores (o sujeito é o constituinte mais alto e a negação o constituinte mais baixo), e isto salvo alguns casos pontuais que se assinalam. Assim, o sujeito ocorre interpolado uma vez numa posição mais baixa que um constituinte de tipo adverbial, que não a negação. Do mesmo modo, ocorre uma vez à direita da negação, com a ordem [cl Neg Suj V] e num texto literário, mas trata-se de um caso excepcional. Em todos os outros contextos a negação, como seria previsível, ocorre sempre mais à direita, ou seja, junto ao verbo, mesmo quando há outros constituintes envolvidos.

O século XVI é o que apresenta menos casos de interpolação, conforme verificámos anteriormente. Assim, casos de interp_3 são inexistentes e os únicos exemplos de interp_2 encontram-se em textos não literários que, como se disse, são, em princípio, mais conservadores.

No século XVI, nas únicas situações em que dois constituintes ocorrem interpolados (e em textos não literários), mantêm-se as generalizações feitas relativamente aos séculos XIII, XIV e XV: o sujeito é o constituinte estruturalmente mais alto e a negação, por seu turno, o mais baixo na sequência dos constituintes interpolados. Há uma única situação em que o sujeito é realizado junto do verbo, que é quando coocorre com um elemento de tipo adverbial.

Fazendo um apanhado das situações descritas relativamente aos quatro séculos apresentados (e para além das generalizações possíveis quanto ao sujeito e à negação), relativamente a todos os outros constituintes – complementos e adjuntos – verifica-se que a ordem na qual ocorrem é bastante variável. Exceptuam-se, claro, os casos em que ocorrem ora com o sujeito, ora com a negação. Quanto aos casos

em que o constituinte interpolado entre o clítico e o verbo auxiliar é um verbo no infinitivo, este ocorre sempre na posição mais baixa, isto é, à esquerda do verbo na forma finita. Excepções a esta regra são, mais uma vez, aqueles casos em que se verifica a negação, nesses casos mantém-se a generalização anterior – [cl V_{inf} Neg V_{fin}].

Conclui-se, portanto, que a ordem principal verificada é a ordem [cl Suj Neg V], e esta observação é válida para todos os séculos e para todos os tipos de texto.

Era igualmente nosso objectivo tentar estabelecer um paralelo com o PE contemporâneo, no sentido de averiguar se, nos casos em que há interpolação de dois ou mais constituintes, haveria alguma estabilidade relativamente à coocorrência dos constituintes interpolados. Por outras palavras, pretendíamos determinar se, à semelhança do que é observado para o PE actual, a sequência que mais se verifica é [cl Adv Neg V] (cf. exemplo (12)). Concluímos que, de facto, e sempre que presente, a negação tende a ocorrer junto do verbo, o que parece reflectir já a situação actual. Quanto aos outros constituintes, a diversidade é na realidade muito grande para tentar estabelecer um padrão, para além dos já mencionados. Tendo em conta os dados apresentados podemos, no entanto, dizer que, apesar da variedade, há constituintes que parecem ser recorrentes como é o caso da negação, dos sujeitos e dos constituintes de tipo adverbial.

O percurso evolutivo que deduzimos da observação dos exemplos retirados do *corpus* do CIPM, e que foi nosso objectivo apresentar neste trabalho, parecem corroborar a situação descrita na literatura, e que atribui à interpolação uma distribuição bastante restrita já no século XVI, quanto ao número de ocorrências e quanto ao número e tipo de constituintes interpolados. Martins 1994 mostra que é no século seguinte, no século XVII portanto, que se verificam mudanças importantes na gramática do português, e que resultarão na progressiva diminuição dos contextos de próclise e no aumento da ênclise. A esta situação é normalmente associada a diminuição do número de casos de interpolação até se chegar ao que actualmente se verifica no PE contemporâneo: no PE dialectal, a interpolação restringe-se praticamente às orações negativas e em situações bastante marcadas e no PE padrão a interpolação é agramatical. No entanto, relativamente ao que verificámos anteriormente, ao longo dos séculos XIII a XVI, não há diminuição dos contextos de próclise embora a interpolação vá diminuindo progressivamente.

No ponto seguinte pretende-se mostrar até que ponto isso assim acontece e qual o mecanismo que terá estado na base do progressivo decréscimo no número de casos de interpolação encontrados no PE contemporâneo, bem como na diminuição de constituintes passíveis de ocorrer interpolados.

2. Implicações teóricas

A principal conclusão a retirar da análise e da descrição feitas relativamente à interpolação, é que esta é uma construção efectivamente atestada nos *corpora* literários e não literários dos quatro séculos considerados. De acordo com os nossos

dados, e tendo em linha de conta o número de constituintes interpolados, bem como a sua função sintáctica, concluímos que, de facto, houve um decréscimo progressivo no número de interpolações ao longo dos séculos XIII a XVI. Diminuição essa que se traduz tanto em números, de 16,6% de casos no século XIII para 9% no século XVI, como se traduz também na variedade de constituintes encontrados.

Tentando avançar uma explicação teórica, que possa dar conta do mecanismo sintáctico envolvido na construção de interpolação, tivemos em conta algumas das propostas teóricas mais recentes sobre clíticos no PM e no PE contemporâneo, nomeadamente, de Martins 1994 e Martins 2000 e de Duarte e Matos 2000. As conclusões a que chegámos são apresentadas de seguida.

Assim, de acordo com a proposta de Martins 1994 e Martins 2000, os clíticos movem-se explicitamente para AgrS na sintaxe visível (onde incorporam), exactamente o mesmo sítio para onde sobem os DPs objecto nas línguas germânicas e nos Romances Antigos.⁴ Quanto à possibilidade de interpolação, que se observa no PM, pode ser explicada devido à possibilidade de ocorrência de ΣP na estrutura. A ocorrência desse núcleo funcional extra faz com que o clítico disponha de mais um alvo para o movimento (para a verificação de traços⁵), e uma vez que o próprio clítico, tendo valor de núcleo, se pode adjungir a AgrS, os constituintes interpolados podem então ocorrer em AgrS, entre o clítico e o verbo.

Os contextos de interpolação estudados (com a ocorrência de elementos entre o clítico e o verbo) favorecem, pois, uma análise dos clíticos enquanto palavras independentes e não como morfemas ligados ao verbo (com o qual formariam um único núcleo sintáctico).

De acordo com a proposta de Duarte e Matos 2000, os clíticos teriam evoluído diacronicamente de uma situação em que não necessitavam obrigatoriamente de um hospedeiro de natureza verbal (como no caso do PM), para a situação que se verifica actualmente e na qual são formalmente especificados como hospedeiros de V (“V-host”) e como tendo caso (características estas comuns aos clíticos da línguas românicas (cf. Duarte e Matos 2000: 122). Por esta razão se poderá dizer que os clíticos do PE contemporâneo são elementos de natureza afixal, o que faz com que a ênclise seja a ordem não marcada, e a que se tem vindo a impôr, de acordo ainda com os dados de Duarte e Matos 2000⁶. Da situação normal de próclise nas Línguas Românicas e no PM, em que o clítico ocorre como o elemento mais elevado relativamente ao verbo, nota-se uma tendência para a não elevação, ou seja, para a gene-

⁴ São os casos designados de *scrambling* de objecto, mecanismo que permite a subida dos DPs não-pronominais e que é produtiva nas línguas germânicas e também o terá sido no PM, de acordo com a autora. Possibilidade esta que se perdeu na história do português e que está relacionada com o enfraquecimento da categoria AgrS (para mais detalhes ver Martins 2000 e 2000a), tendo-se mantido alegadamente *scrambling* para uma posição mais baixa no domínio de VP (Costa 1996).

⁵ De acordo com Martins 1994 e 2000 os clíticos têm traços fortes de natureza morfológica para verificar, daí o movimento explícito na sintaxe visível.

⁶ Como se sabe, nas línguas Românicas, a próclise é o padrão o que sugere, de facto, que o clítico é atraído sempre para uma posição mais alta que o verbo.

ralização da ênclise. Tendência essa que se verifica mais ao nível do PE coloquial, uma vez que a escrita continua a conservar os seus traços de conservadorismo.

Estruturalmente, considera-se que o clítico e o seu hospedeiro (de natureza verbal) ocorrem no mesmo núcleo funcional, neste caso em AgrO, de acordo ainda com a proposta de Duarte e Matos (*Idem*).

Deste modo, o conseqüente aumento dos contextos enclíticos que, conforme foi referido, se dará posteriormente ao século XVI, derivará possivelmente do processo de reanálise dos clíticos enquanto elementos de natureza afixal.

Quanto à interpolação, propriamente dita, e de acordo com os nossos dados, terá evoluído do mesmo modo, ou seja, uma vez que a caracterização dos traços formais dos clíticos passou a ser mais restrita, também o tipo e o número de constituintes capazes de quebrar a adjacência Clítico-Verbo se foi restringindo. O facto de o número de casos de interpolação ter diminuído está directamente relacionado com o facto de os clíticos se adjungirem apenas a elementos de tipo X^o e não XP.

O período de tempo que pretendemos abranger neste trabalho e os dados de que dispomos mostram, de facto, evidências neste sentido (embora não mostrem ainda diminuição da próclise). Deste modo, o que importa salientar é que a progressiva perda de interpolação na história do português tem que ver com uma mudança no que respeita à especificação de traços dos clíticos propriamente ditos. Vimos que os clíticos, de um estatuto não específico (os clíticos tanto podiam ser X^o como XP, no sentido de Chomsky 1995), evoluíram para a sua especificação formal (nos termos de Duarte e Matos 2000), ou seja, passaram a ser especificamente marcados como núcleos que se adjungem a núcleos verbais. Esta é a situação que actualmente se verifica no PE padrão. Quanto ao PE dialectal, é possível interpolar a negação, e também alguns advérbios e ainda pronomes pessoais, em variedades regionais do norte de Portugal, descritas em Barbosa 1996 (exemplos (13)-(15)), e também do Centro e Ilhas, retirados de Lobo e Carrilho 1999 (exemplos (16)-(18)):

- (13) Ela prometeu que **lhe não diria** nada
- (14) O livro que **lhe ainda não entreguei**
- (15) Quantas vezes **te eu disse**
- (16) quem me dera de **t'eu ser**
- (17) o que é que **lhe ele disse?**
- (18) É ainda **te nã disse**.

De facto, exemplos como os que se apresentam em (19), (20) e (21), são evidência para considerar que tanto os advérbios como a negação são núcleos que se adjungem ao verbo. São casos em que o verbo sobe para C arrastando consigo os advérbios, como em (19) e (20), e também a negação⁷, como em (21), e que servem para mostrar que os constituintes que ocorrem nas construções de interpolação são adjuntos verbais, isto é, são adjuntos a núcleos verbais.

⁷ O caso dos pronomes pessoais que podem ocorrer interpolados (como nos exemplos (15)-(17)) constitui, no entanto, um problema para esta análise.

- (19) O que já tinhas tu dito?
 (20) O que ainda tinhas tu de dizer?
 (21) O que não dirias tu.

Tendo em conta a proposta de Duarte e Matos 2000, e de acordo com os dados que estudámos relativamente à interpolação não julgamos, pois, ser necessário recorrer a outros núcleos funcionais para além de CP, AgrS, TP e AgrO. Se a estrutura de CP é suficiente para explicar a ênclise e, conseqüentemente, a próclise⁸, é igualmente suficiente para explicar a derivação da interpolação.

3. Considerações finais

No PM, conforme foi referido anteriormente, os clíticos têm um estatuto ambíguo (tanto são X⁰ como XP), o que quer dizer que não são formalmente especificados relativamente ao tipo de hospedeiro ao qual se adjungem, como acontece no PE contemporâneo. Este facto vai permitir que um maior número de constituintes possa ocorrer interpolado entre o proclítico e o verbo, conforme pudemos constatar, por exemplo, nas frases de (1) a (4).

Mesmo as estruturas com dois e mais constituintes interpolados (exemplos (5)-(11)) podem ser explicadas como múltiplas adjunções do clítico a XP, sem necessidade de activar a periferia esquerda da frase. Em termos de economia, como vimos, não se mostra necessário postular a projecção de categorias funcionais adicionais.

Para o PE contemporâneo, conforme já foi referido, assumimos, na linha de Duarte e Matos 2000, que os clíticos, na sua entrada lexical actual, são formalmente caracterizados como hospedeiros de V. Tal significa que só se adjungem a elementos de tipo verbal e não a outros. Nas estruturas enclíticas, os clíticos têm, pois, um valor específico (de adjunção a um núcleo verbal) e tal abordagem dos clíticos pode ser alargada aos casos de interpolação porque, sendo especificamente marcados, só admitem a adjunção a núcleos, sendo a variação dialectal (exemplos (12)-(18)) explicada em termos da especificação dos traços do clítico – adjunção a núcleo/adjunção a núcleo verbal.

A nossa análise mostra que é possível dar conta das situações descritas tanto para o PE contemporâneo (padrão e dialectal), como para o PM, em termos da especificação de traços dos clíticos.

⁸ De acordo com Duarte e Matos 2000, o processo de reanálise dos clíticos no PE contemporâneo como elementos de tipo afixal, favorece uma abordagem da ênclise como a derivação mais económica. A próclise, por seu turno, é uma derivação de último recurso, que é desencadeada devido ao peso fonológico de certos itens funcionais.

Português Medieval

$$\left(\begin{array}{c} \text{CL} \\ \dots \\ \text{host: XP} \end{array} \right)$$
Português do séc. XVI
e Dialectal
$$\left(\begin{array}{c} \text{CL} \\ \dots \\ \text{host: X}^0 \end{array} \right)$$

Português Europeu

$$\left(\begin{array}{c} \text{CL} \\ \dots \\ \text{host: V}^0 \end{array} \right)$$

A mudança na especificação formal dos clíticos foi-se dando no decurso da história do Português, sendo a variação explicada, como vimos, quanto ao tipo de hospedeiro do clítico. O estatuto XP do hospedeiro do clítico faz com que haja a possibilidade de interpolação “total” no PM. O facto de ter evoluído para X⁰ faz com o tipo de constituintes e, conseqüentemente, o número de interpolações se vá restringir à negação e aos adverbiais, nos chamados casos de interpolação “residual” que existem no PE dialectal, e que já se vislumbram no português do século XVI (e também no Italiano Antigo). A situação apresentada para o PE padrão indica que a interpolação não é possível porque o clítico se adjuge, obrigatoriamente, a núcleos verbais.

Referências:

- Barbosa, P. (1996) “Clitic Placement in European Portuguese and the Position of Subjects”, in Halpern, A. & A. Zwicky (eds.) *Approaching Second. Second Position Clitics and Related Phenomena*, Stanford, California, CSLI Publications, 1-40.
- Benincà, P. e G. Cinque (1993) “Su Alcune Differenze fra Enclisi e Proclisi” in *Omagio a Gianfranco Folena*, Pádua, Programma, 2313-2326.
- Chomsky, N. (1995) *The Minimalist Program*, Cambridge/Massachusetts, MIT Press.
- CIPM – *Corpus Informatizado do Português Medieval*, Centro de Linguística (L.1), Universidade Nova de Lisboa.
- Costa, J. (1996) “Scrambling in European Portuguese”, a ser publicado em *Proceedings of SCIL 8, MIT Working Papers in Linguistics*.
- Duarte, I. & G. Matos (2000) “Romance Clitics and the Minimalist Program” in Costa, J. (ed.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*, New York, Oxford University Press, 116-142.
- Fiéis, M. A. (1996) *Clíticos num Corpus do Português do Século XIII*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- Fontana, J. M. (1993) *Phrase Structure and the Syntax of Clitics in the History of Spanish*, Dissertação de Doutoramento, Philadelphia, Universidade da Pennsylvania.
- Guerreiro, M. V. & E. B. Nunes (eds.) (1974) *Carta a el-rei dom Manuel sobre o achamento do Brasil*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Lobo, M. & E. Carrilho (1999) “Variação Sintáctica: Alguns Aspectos”, comunicação apresentada no ciclo de conferências “Conversas d’ HorAl”, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Maia, C. A. (1986) *História do Galego-Português*, Coimbra, I.N.I.C..

- Martins, A. M. (1994) *Clíticos na História do Português*, Dissertação de Doutoramento, Lisboa, Universidade de Lisboa (2 volumes).
- Martins, A. M. (2000) "A Minimalist Approach to Clitic Climbing", in Costa, J. (ed.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*, New York, Oxford University Press, 169-190.
- Martins A. M. (2000a) "Parameter setting in the history of Portuguese: The loss of OV/VO – considerations on clause structure, word order variation and change", comunicação apresentada no encontro *Statistical Physics, Pattern Identification and Language Change*, Lisboa.
- Ogando, V. (1980) "A colocación do pronome átono en relación co verbo no galego português medieval", *Verba* 7, 251-282.
- Rivero, M.-L. (1986) "Parameters in the Typology of Clitics in Romance and Old Spanish", *Language* 62, 774-807.